





## JUSTIFICATIVA

Senhor Presidente,  
Senhores Vereadores.

Submeto à apreciação desta Ilustre Casa Legislativa, Projeto de Lei que *OUTORGA AO SR. PAULO CÉLIO LISBOA, O TÍTULO DE PATRONO DO TEATRO NOVA-LIMENSE, NOS TERMOS DA LEI FEDERAL Nº 12.458, DE 26 DE JULHO DE 2011.*

Nos termos da Lei Federal nº 2.458/2011, o título de patrono destina-se a pessoa escolhida como figura tutelar, dentre outras áreas, das artes, podendo ser escolhido entre brasileiros mortos há pelo menos 10 anos que tenham demonstrado especial dedicação ou se distinguido por excepcional contribuição ao segmento para o qual sua atuação servirá de paradigma.

Paulo Célio Lisboa, nasceu em Nova Lima no dia 30 de julho de 1960, filho de Antônio Cassemiro Lisboa e Dalva Barbosa Lisboa e tinha como irmãos Junia, Ronam e Fabricio.

A partir de 1978 começa a trabalhar com grupos amadores de teatro e no ano seguinte inicia os seus estudos de ballet clássico e dança contemporânea na Escola de Teatro do Palácio das Artes.

Em 1980 participa das peças “Delito Carnal”, com direção de Eid Ribeiro, e “Assembleia de Mulheres”, de Bernardo Mata Machado.

A partir de 1981 inicia uma colaboração regular com o encenador Carlos Rocha, interpretando, até 1992, “O Processo”, “A Metamorfose” e “A Toca”, a partir de Franz Kafka, “Esperando Godot” de Samuel Beckett, “As pulgas” de Cunha de Leiradela, “Grande Sertão: Veredas”, a partir de Guimarães Rosa, “Antígona” de Bertholt Brecht e “Josefina, a Cantora”. Neste período interpreta também “Carta ao Pai”, uma encenação de Ione de Medeiros, a partir de Franz Kafka e “Fim de Jogo”, de Samuel Beckett, numa encenação de Eid Ribeiro. Este percurso é consagrado então com diversos prêmios pelo seu trabalho de ator, incluindo o Troféu FUNDACEM para o melhor ator de Minas Gerais, em 1988, 1989 e 1990.

No início dos anos noventa viaja para a Europa com o espetáculo “Fragmentos Kafkianos”, uma produção da COMPANHIA ABSURDA - que reunia três encenações anteriormente estreadas - e inicia uma colaboração com o CITAC - Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra, onde assina a sua primeira encenação: “Os Olhos” (1993) uma adaptação da banda desenhada de Moebius e Jodorovsky, numa co-produção entre a Companhia Absurda e o CITAC. Posteriormente encena, também para o CITAC, “Um processo” (1994), adaptação da obra de Kafka “O Processo”, que seria premiada com uma menção honrosa no concurso “O Teatro na Década” do Clube Português de Artes e Ideias. Neste percurso esteve sempre acompanhado por Salmo Faria, mas, sobretudo por Ricardo Carísio, elementos da COMPANHIA ABSURDA que o acompanharam nessa aventura europeia.





Da relação estabelecida com o CITAC, acaba por nascer o desejo de fundar um novo projeto teatral. Desta vontade, partilhada com Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins, João Silva, Lucinda Gomes, Nuno Cardoso, Pedro Carreira e Susana Paiva, nasce em 1994 o “Visões Úteis”, na cidade do Porto, onde Paulo Lisboa assina a encenação de “As Criadas” (1995) de Jean Genet, espetáculo que representaria Portugal na Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo, em Turim, em 1997.

Paulo Lisboa ainda colaborou com diversos projetos: Em 1994 encena “Pai e Filho – Punições”, de Mark Rozovsky (a partir dos textos de Kafka “Carta ao Pai” e “O Veredicto”), para a Seiva Trupe (Porto, Portugal) e em 1995 encena “Sambas e Tragédias” para a “Boca de Cena (S. Salvador da Baía, Brasil), uma adaptação sua de materiais variados, em torno do Mito de Medeia. Também para a “Boca de Cena” tinha interpretado (1994) “I love you Maria”, uma encenação de Nuno Cardoso a partir de “A Mulher só” de Dário Fo.

Ainda no Inverno de 1995, após a estreia de “As Criadas”, Paulo também se apresentou por diversas cidades da América do Sul.

Paulo Lisboa enfrentou todas as adversidades que um artista de teatro enfrenta em busca de realizar seus sonhos, sendo assim um exemplo para os artistas de Nova Lima, por sua persistência e resiliência.

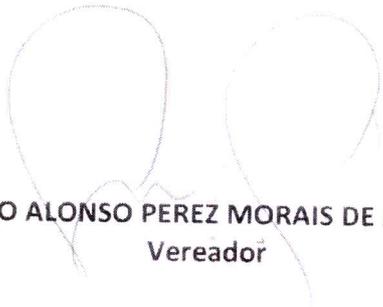
No Governo de Paulo Henrique Damasceno dos Santos foi Chefe da Divisão de História da Secretaria Municipal de Educação, onde incrementou uma série de projetos culturais em nossa cidade.

Em 1997, os Poderes Legislativo e Executivo municipais o homenagearam, dando seu nome ao palco do Teatro Municipal Manoel Franzen de Lima.

Paulo Lisboa faleceu em 19 de abril de 1996 deixando um enorme vazio nas artes cênicas de nossa cidade, e desde então, no dia de seu nascimento, os artistas de Nova Lima lhe rendem homenagens com apresentações teatrais, recitais de poesia e contação de histórias, para celebrar a vida e a memória deste que foi a estrela maior de nosso Teatro.

Diante do exposto, demonstrada a relevância da matéria objeto desta proposição legislativa, esperamos contar com o apoio dos nobres colegas para sua aprovação.

Paço do Legislativo Dr. Sebastião Fabiano Dias, em 22 de julho de 2021.



**ÁLVARO ALONSO PEREZ MORAIS DE AZEVEDO**  
Vereador

